

Pastore diz que negociação é favorável ao País

Arquivo



"Cansado e com olheiras", Pastore não se deixou fotografar ontem

São Paulo — O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, negou que tenha se encontrado, anteontem, em Belo Horizonte, com o Presidente eleito, Tancredo Neves, para lhe comunicar os motivos que determinaram a suspensão das negociações sobre a dívida externa com o comitê de bancos credores, nos Estados Unidos. "Eu respeito muito o Dr Tancredo, mas minha primeira obrigação é dar satisfação ao Governo atual. Ao Presidente Figueiredo e aos ministros da Fazenda e do Planejamento", disse Pastore, ontem, em sua casa, em São Paulo.

O Ministro do Planejamento, Delfim Netto, que de manhã inaugurou o novo aeroporto internacional de São Paulo, em Guarulhos, também desmentiu a notícia do encontro, ao afirmar: "Se o Presidente (Tancredo) disse que não houve o encontro, é porque não houve. O Presidente não mente". Pastore, que chegou sexta-feira ao Brasil, garantiu que ficou "em casa, descansando" todos esses dias, depois de um período de reuniões com os banqueiros.

"Não sei como publicaram essas notícias, porque eu, realmente, não fui a Belo Horizonte. Fiquei o tempo todo em minha casa", acrescentou. Quanto à presença do jatinho do Banco Central, o **lear jet** branco, prefixo PT-FAT, no hangar da líder, no Aeroporto da Pampulha, desde sexta-feira, Pastore explicou: "O avião está lá para ser reparado".

Otimismo

Embora não tenha informado com quem conversará primeiro — se com o Presidente Figueiredo, ou com os Ministros Ernane Galvêas e Delfim Netto — o presidente do Banco Central, que voltou ao Brasil para discutir detalhes das negociações, disse:

— Fui eu quem decidi suspender as negociações, que estão favoráveis ao Brasil, para voltar a acertar alguns detalhes com o Ministro Delfim Netto. Segundo ele, "dois terços já foram acertados com os banqueiros". O terço restante deverá ser resolvido a partir do dia 28, quando retorna para novos encontros com os credores.

Pastore — que se recusou a ser fotografado, ontem, lembrando com humor que estava "cansado e com olheiras" — disse que o principal obstá-

culo à continuação das conversas foi o impasse com relação ao **spread** (taxa de risco). O Governo brasileiro, através das propostas levadas aos Estados Unidos pelo presidente do Banco Central, pleiteia uma taxa de risco de 0,875 acima da **libor** (taxa do mercado do eurodólar), além de um prazo de 16 anos para a liquidação da dívida a vencer entre 1985 e 1991. Quer que a dívida externa seja refinanciada em bases ainda mais favoráveis do que as conseguidas pelo México.

Os banqueiros internacionais, por meio do comitê que negocia com Pastore, insistem em não aceitar essa proposta, já que a maior parte da dívida

brasileira foi negociada com juros da ordem de 1,25%, ou seja, bem mais altos do que os juros acertados com o Governo mexicano.

Ainda assim, Pastore, que hoje deve encontrar-se com o Ministro do Planejamento, Delfim Netto, para discutir esses problemas está otimista e acha que o Brasil conseguirá inclusive um **spread** menor.

"As negociações progrediram bastante e acho que a partir da última semana de janeiro (ele explicou que o dia 28 é apenas a data mais provável para sua volta à mesa de negociações) vamos acabar de acertar o resto", garantiu.

"Post" teme colapso da dívida

Washington — "Ainda que se tenha dado um passo para resolver os problemas da dívida externa latino-americana, estimada em 350 bilhões de dólares, não se descarta a possibilidade de um futuro colapso", afirmou o **Washington Post**, ontem, em seu caderno de Economia.

Segundo o jornal, "outra recessão nos Estados Unidos, um sério movimento protecionista dos países ocidentais contra exportações latino-americanas ou uma nova alta nas taxas de juros podem desfazer, do dia para a noite, o progresso alcançado pelos grandes devedores da América Latina". E ressalta: "Qualquer um desses eventos submergiria o sistema bancário internacional na realidade de maciças bancar-

rotas que, até agora, eram somente um pesadelo".

O **Washington Post** disse que os denominados programas de ajuste, que envolvem drásticas reduções dos gastos governamentais, restrições dos aumentos salariais e desvalorizações cambiais foram aplicados em vários países da América Latina, provocando "severas recessões no México e no Brasil", gerando ansiedade nos bancos. Estes temem não receber a devolução dos empréstimos realizados.

E enfatiza que embora o processo pareça ter dado resultado, banqueiros e analistas advertem que é muito cedo para declarar a crise da dívida externa latino-americana superada.